

# Aço exportado aos EUA

Economistas avaliam impactos de eventual sobretaxação do aço brasileiro pelo governo dos EUA

André Covolam

**A** possível sobretaxação de 25% das importações de aço nos Estados Unidos, anunciada pelo presidente Donald Trump, tem gerado preocupação na indústria global, e especialistas analisam os impactos dessa medida tanto para a economia americana quanto para o Brasil. A economista Cristiane Feltre, professora e pesquisadora do Observatório da Região Metropolitana de Piracicaba, destaca que o aço é insubstituível em diversos setores, como a indústria automotiva e a construção civil, além de ser essencial para a infraestrutura energética e de exploração de petróleo e gás. Ela ressalta que a medida pode encarecer custos de produção nos Estados Unidos, impactando vários segmentos e aumentando o custo de vida da população.

Segundo a economista, o Brasil está entre os principais fornecedores de aço para os Estados Unidos, ao lado de Canadá, México, Coreia do Sul e Japão. "No entanto, na Região Metropolitana de Piracicaba, apenas 5% do aço exportado tem como destino os EUA.

Os principais compradores do aço produzido na região são Peru, Bolívia e Países Baixos, o que reduz um impacto direto na economia local, ainda que o Brasil como um todo possa sentir os efeitos da sobretaxação", pontua. A economista faz uma ressalva: "A ArcelorMittal, uma das maiores produtoras de aço do



**Erick Gomes**

Resposta das usinas será o desligamento de fornos para controlar a oferta e evitar a desvalorização do aço

mundo e com usina em Piracicaba, não tem seus dados de produção contabilizados em razão de seu domicílio fiscal não estar no município".

O economista Carlos Eduardo de Freitas Vian, professor da Esalq/USP, reforça a análise ao destacar que a China domina a produção global de aço, com mais de 50% do total produzido no mundo, seguida pela Índia, com 8%. Esses países também têm as

maiores empresas do mundo. Ele explica que, embora os EUA importem aço chinês, a maior parte vem de países como o Canadá e o Brasil, que exportam aço semiacabado. "A imposição de tarifas protecionistas pode favorecer a indústria siderúrgica americana, mas, ao mesmo tempo, elevar custos para diversos setores consumidores de aço, como a indústria de peças, a indústria automotiva e a cons-

trução civil", diz.

Para o Brasil, a sobretaxação poderia dificultar a competitividade das exportações de aço para os EUA e pressionar a indústria siderúrgica nacional a buscar novos mercados. O economista alerta para a necessidade de monitorar os desdobramentos da política comercial americana e seus reflexos na economia brasileira. "Tudo é muito recente ainda e podem ocorrer reviravol-

tas como no primeiro governo Trump, em que houve negociação de cotas", finaliza.

## Ajustes na produção

Na avaliação do presidente do Simespi (sindicato patronal das indústrias do setor metalmeccânico de Piracicaba, Saltinho e Rio das Pedras) a sobretaxação imposta pelos Estados Unidos ao aço importado não é uma medida direcionada ao Brasil, mas ao mercado global, refletindo a baixa competitividade da indústria siderúrgica americana. "Como consequência, os preços do aço nos EUA devem subir, afetando setores como o automotivo e de equipamentos. Já os países exportadores, incluindo o Brasil, podem enfrentar queda na demanda e necessidade de ajuste na produção", explica.

Ele afirma que, no Brasil, a resposta das usinas será o desligamento de fornos para controlar a oferta e evitar a desvalorização do aço no mercado interno. "No entanto, a reativação desses equipamentos é demorada, podendo gerar instabilidade nos preços. Além disso, a economia brasileira já enfrenta desafios como juros elevados e baixa demanda por investimentos, o que agrava o cenário para a indústria", justifica. Erick Gomes também sugere que o Brasil poderia adotar medidas de retaliação, como taxar a exportação de minério de ferro para os EUA, reduzindo sua capacidade produtiva de aço.